

## SELETA

## A TRAPPA DE MARISTELA

Felix Guisard Filho

O revmo. padre d. João Baptista Chauttard, então abade da Trappa de Sept-Fons e procurador geral da Ordem Cisterciense, por medida de prudência, resolvera preparar para a sua comunidade um abrigo, no caso de serem os religiosos trappistas obrigados a abandonar a França. Coincidência extraordinária, o encontro de todo casual de d. Chauttard com o reverendo abade Moreau, sacerdote de origem belga, que, possuindo uma pequena propriedade no Brasil, no Estado de São Paulo, em Cananéia, espontaneamente ofereceu-a a d. Chauttard, para que este aí instalasse a comunidade. O abade Moreau reservava para ele apenas um pequeno canto do mosteiro, onde pudesse acabar os seus dias. D. Chauttard, de começo, hesitou, por causa da grande distância que separava o Brasil da França; da dificuldade de fazer as visitas da Ordem; da diferença do clima e das grandes despesas do transporte para toda uma comunidade. Todavia, o abade Moreau não cessava de demonstrar as vantagens enormes que ele havia de encontrar nesta nova terra e como que guiado pela divina Providência, resolveu vir ele mesmo estudar "in loco" a situação para, se possível fosse, instalar aí o núcleo da comunidade. Partindo de França em 1903, d. Chauttard, o abade Moreau e o padre Alexis Ducrey, este tendo sido oficial militar antes de sua entrada na "trappa", talhado estava para os preparativos da instalação dos que deveriam chegar. Depois da inspeção da propriedade prometida, d. Chauttard e o padre Alexis concluíram que o lugar não era conveniente para uma fundação de tal modo afastada da Casa Matriz, de França.

Reconhecendo, entretanto, que apresentavam numerosas vantagens e muito apreciáveis as terras do Brasil, resolveu d. Chauttard que o padre Alexis procurasse e estudasse, afim de achar um lugar apropriado para a instalação de um mosteiro. Durante um ano inteiro, 1903/1904, o padre Alexis percorreu o Estado de São Paulo em todos os sentidos, buscando comprar uma propriedade. Deu preferências ao Estado de São Paulo, porque é o Estado onde a policultura é feita em larga escala, onde a

religião cristã é mais desenvolvida, onde o clima é mais salubre e mais temperado e onde os costumes da vida são mais adaptáveis.

Neste interim viajava d. Chauttard para o Oriente, em visita às casas de sua Ordem, travando em viagem conhecimento com um membro da família "da Silva". O dr. Ismael Dias da Silva informou que em Tremembé havia uma propriedade esplêndida e que estava para vender a preço convidativo. Parecia-lhe terreno muito apropriado para a instalação de um mosteiro Cisterciense, situada em lugar calmo, afastada da vila de Tremembé, tendo de superfície 2.500 hectares aproximados, terras servindo para a cultura do café e do arroz e criação de gado, irrigadas pelo ribeirão do Chaveco, que desemboca no Paraíba, sendo o Paraíba uma das suas divisas. Padre Alexis, depois de minuciosas visitas às terras referidas, hesitou antes de entrar em negociações. Requisitou, entretanto, da comunidade de Sept-Fons lhe mandassem o irmão leigo F. Theodule, entendido em terras, visto como fora diretor do trabalho agrícola em diferentes mosteiros. Chegado que foi ao Tremembé, poucos dias depois foram as terras compradas em 1904. D. Chauttard, recebida que foi a notícia da aquisição, enviou imediatamente o primeiro grupo, composto de treze religiosos: os rr. pp. Nivard, como superior, Antoine de Padoue, como vice-prior; Leopold, Dominique, Geraud e Ambroise, religiosos coristas e ff. Pierre, Etienne, Sébastien, Bernard, Michel, Marcel e Augustin, conversos.

Depois de alguns dias de repouso, os habitantes da fazenda Palmeiras, tal era o nome da velha fazenda, substituíram-no pelo de Maristela, a estrela do mar, nome simbólico, designando a Santíssima Virgem Maria, a estrela que serve de guia para todos os cristãos, no meio do mar das paixões, em caminho da salvação.

A fazenda da Maristela, outrora propriedade do Barão de Lessa, fora muito próspera, mas em consequência da lei de 88, trazendo a falta de braços para a exploração, a propriedade ficou como que abandonada até o momento da chegada dos trappistas. Em tudo reinava o abandono, desordem, as construções necessitando reparações, 4.000 pés de café apenas, pastos desaparecidos, enfim, tanto na parte alta como na parte baixa, tudo por fazer. Surgia, logo de primeira vista, a dificuldade do braço trabalhador, constituído por uma população ribeirinha, totalmente destituída de cultura intelectual e indolente. Iniciados logo os trabalhos, foram imediatamente reparados os edifícios da velha fazenda, permitindo boas acomodações para 30 ou 40 religiosos; onde bem abrigados pudessem desempenhar também todos os deveres da vida religiosa, observando a risca a regra monástica de São Bento. Iniciaram também o trabalho de evangelização da população vizinha, pela palavra e pelo exemplo, dentro dos limites da propriedade, de acordo com as instruções da Ordem, ao mesmo tempo que reuniam um certo número de famílias para o trabalho da fazenda, permitindo-lhes também ganhar algum dinheiro e viverem em

melhores condições. Atacando e reparando as diferentes habitações, limpavam pastos e demais terrenos vizinhos do mosteiro, conservando o gado indene dos insetos e demais parasitas, abundantes na região no momento da chegada dos padres.

Lentamente andaram os trappistas antes de iniciarem cultura em alta escala, ensaiando o café, o arroz e a cana. Todas as culturas diferentes, aqui ensaiadas, traziam profundas diferenças das culturas européias, devido a ser muito mais ativa a vegetação aqui do que na Europa. Conselhos prudentes levaram os trappistas a se familiarizarem com as culturas do país. A parte montanhosa da propriedade foi destinada à cultura do café, os pastos para o gado necessário aos trabalhos e ao mesmo tempo para vacas leiteiras, que produziam o leite necessário para o consumo da comunidade e para a fabricação do queijo Port du Salut, tão apreciado pelos entendidos.

Persistindo sempre, e aumentando ano a ano, conta a propriedade de hoje mais de 250.000 pés de café, podendo produzir até 10.000 arrobas anualmente. A fazenda tem 180 cabeças de gado, bois para o trabalho, vacas, cavalos, mulas, etc.. O ribeirão do Chaveco, que atravessa toda a fazenda, foi captado a 1.200 metros acima do mosteiro, entre duas colinas, onde foi construída uma barragem e instalada uma usina elétrica, produzindo de 20 a 40 cavalos de força. Esta força é aproveitada para a iluminação elétrica de todo o mosteiro, movendo ao mesmo tempo a máquina de beneficiar café e diferentes outras máquinas das oficinas.

A propriedade situada na parte baixa, além de muito grande, distava do convento 12 km. Por essa razão construíram naquela parte um grupo de casas, capela, escolas, numerosas casas para colonos, a que deram o nome de Berisal. Nessa região, depois de muito trabalho, visto como os 400 hectares de terrenos, na sua quase totalidade eram pantanosos, tiveram os frades de desenvolver enorme trabalho, a fim de adaptá-los a serem cultivados com o plantio de arroz.

É conhecida de todos a indolência dos povos ribeirinhos acariciada pela abundância da pesca, de que vivem, junto às margens dos rios piscosos, indolência que os reduz à última miséria. No entretanto, os piraquaras sentiram-se abalar do torpor em que se lhes embalava a existência. A princípio fizeram-se surdos ao convite com que os padres os incitavam a trabalhar; eles, porém, não desanimaram, donde se colhe a superioridade da ação das corporações religiosas, assídua e perseverante em confronto com a das suas similares profanas. Não há resistência que não ceda à força do exemplo. Apóstolos do trabalho, conseguiram os trappistas convencer esses camaradas de que o trabalho não é um castigo, mas uma imposição salutar e garantia de remuneração.

Os agrícolas da Trappa deixaram de morar em palhoças e dormir sobre a terra extreme, em detrimento da saúde; têm todos casas de

habitação higiênicas, em cujos compartimentos penetra a luz do sol, dormem todos em seus girais de madeira, levantados do chão uns 0,70, ao menos. Reduzindo esta matéria a poucas palavras, a austera disciplina da vida dos trappistas representa uma verdadeira escola agrícola, aplicam-se a lavrar a terra, e, com o fruto desse trabalho, educam, doutrinam, ensinam e recolhem copiosa pesca de almas.

Todos estes terrenos foram trabalhados com os modernos instrumentos de agricultura tendo os frades o duplo encargo de trabalharem e de ensinarem as populações regionais a deles se utilizarem. Como o arroz necessita de uma grande quantidade de água, para ativar a sua vegetação, além água produzida pelo Chaveco, instalaram os trappistas uma bomba na margem esquerda do Paraíba com 500 litros por segundo, de capacidade. Graças à perseverança do padre Aleixo, as culturas produziram bons resultados, causando admiração aos homens do Governo do Estado de São Paulo, que antes tinham em 1905, tratado da cultura do arroz, pelo sistema de irrigação, em Moreira César, com resultados pouco satisfatórios.

Em 1908, o sr. Albuquerque Lins, presidente do Estado, acompanhado do sr. dr. Carlos Botelho, secretário da Agricultura e de outras altas personalidades políticas, visitaram o Berisal e a Trappa de Maristela, ficando maravilhados em vista dos bons resultados colhidos no plantio do arroz cujo exemplo devia ser aproveitado por muitos. Alguns anos mais tarde o dr. Altino Arantes, ministro da Justiça, acompanhado de outras distintas personagens, visitou o trabalho dos trappistas felicitando-os pelo muito que tinham conseguido.

O serviço de tração dos instrumentos aratórios era feito por mulas, cujo número atinja 120/130 habitualmente, enquanto os bois com os carros transportavam o material dos caminhos úmidos do Berisal. Graças ao trabalho e estímulo que os trappistas deram à cultura do arroz em grande escala, toda a planície, bordejando as duas margens do Paraíba, desde Jacareí até Guaratinguetá, passou a ser trabalhada, cultivada a exemplo dos padres, trazendo formidável produção de arroz, de tal sorte que durante a grande guerra européia, o Brasil pôde exportar este cereal enquanto de 1908 àquela data, grande quantidade entrava no país para consumo de seus habitantes.

A cidade de Tremembé ganhou enormemente com as culturas de arroz iniciadas pelos padres trappistas, visto que estes empregavam habitualmente no amanho das terras duzentos a trezentos camaradas residentes na cidade. D. Chauttard muito contribuiu junto ao dr. Frontin, então diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, para que fosse desviada a linha que de Taubaté vai a Pindamonhangaba, o que foi feito, passando a variante por Tremembé.

(...) Em 1910 formaram os trappistas uma escola junto ao mosteiro para meninos de 12 a 15 anos, visando deste modo obter

vocações e formando mais facilmente o moço ao gênero de vida religiosa. Todavia, a vida sedentária e silenciosa do frade trappista não encorajava a muitos, que, uma vez chegados aos 18 ou 20 anos, abandonavam a "Trappa". Foram mandados dois moços brasileiros para a Abadia de Sept-Fons, para fazerem curso de aperfeiçoamento; estes mesmos, porém, não perseveraram na Ordem.

O Capítulo Geral da Ordem decidiu, em 1920, que, em princípio, toda a casa que não pudesse recrutar seus membros na região onde estivesse estabelecida, seria suprimida. Decidiu também que, se a fundação fosse além dos mares, seriam necessárias várias casas, não afastadas umas das outras, com o fim especial de facilitar a visita dos seus superiores. Infelizmente a Trappa de Maristela, de Tremembé, não reunia estas duas condições, e foi tomada a decisão de que ela deveria ser suprimida. Foi vendida a Granja do Berisal em 1925. Partiu o primeiro grupo de religiosos, de Maristela para Sept-Fons, em 1º de setembro de 1927. Pouco numeroso é o grupo que atualmente rege o mosteiro, trabalhando para a venda da fazenda da Trappa liquidando o restante do que possuía a Ordem no Brasil. (...) D. Chautard, em 1903, no Palácio da Presidência da República, ouviu do então Presidente Rodrigues Alves, estas palavras: "Não só uma, mas antes vinte Trappas quisera eu ver estabelecidas no Brasil".

(**Capítulos da História de Taubaté**, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, v. 28, pp. 129-139. São Paulo, 1930. **Nota da Redação:** este trabalho de Félix Guisard, bem mais extenso do que foi transcrito, encontra-se reproduzido quase integralmente no livro **Maristela, o Convento da Trappa**, de Arthur Audrá, pp. 35-51. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951).